

PIONEIROS DA QUÍMICA

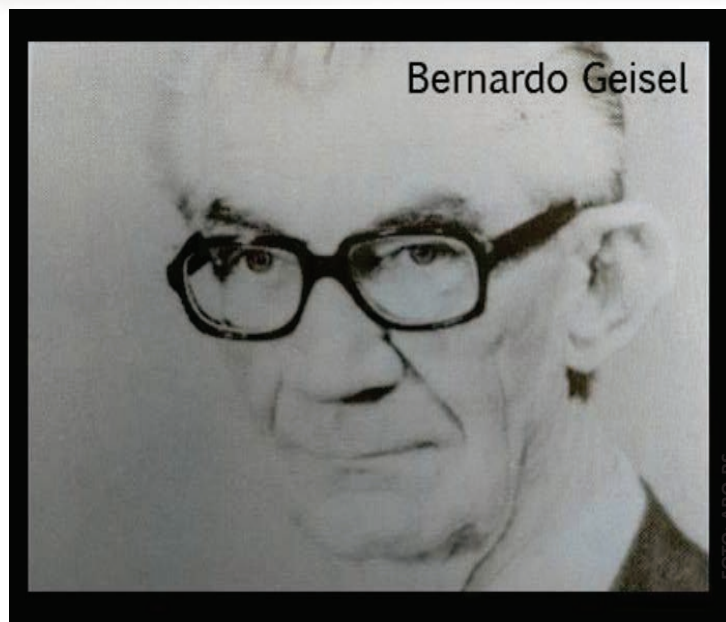
Bernardo Geisel

Segundo dos cinco filhos do casal August Wilhelm (1867-1937) e Lydia Beckmann Geisel (1880-1931), Bernardo Geisel nasceu em Estrela, interior do Estado do Rio Grande do Sul, em 21 de agosto de 1901. Era irmão do 29º Presidente da República Federativa do Brasil (1974-1979), Ernesto Geisel (1907-1996), do general Orlando Geisel (1905-1979), ministro do Exército no governo Médici, e de Henrique Geisel (1904-1973), também militar do Exército Brasileiro. Teve uma irmã, Amália (1900-1996).

Dos irmãos, foi o único a não seguir a carreira militar. Homem de princípios rígidos e hábitos severos, trabalhou no então Departamento dos Correios e Telégrafos para ajudar a criar seus irmãos.

Diplomou-se em 1923 como químico industrial pelo Instituto de Química anexo à Escola de Engenharia de Porto Alegre, um dos oito cursos criados pela Lei Federal 3.991 de 5 de janeiro de 1920, na gestão do Presidente Epitácio Pessoa (1865-1942), para fomento do ensino de química em nível superior no Brasil. Era um dos alunos da primeira turma desse curso. Na Escola de Engenharia, foi professor de Química Inorgânica, e ascendeu ao cargo de Diretor do Instituto de Química (1935-1937 e 1948-1950). Manifestava preocupação com a constante atualização da formação dos profissionais da química em seu estado. Em 1930, viajou à Alemanha para estudos, importar equipamentos e trazer recursos humanos para a Escola de Engenharia.

Sua intensa atuação acadêmica encontrava paralelo na sua preocupação de congregar os químicos gaúchos numa associação que os representasse perante o país. Após a fundação da Sociedade Brasileira de Química, por ocasião do 1º Congresso Brasileiro de Química em novembro de 1922 no Rio de Janeiro, esta sociedade tentou estabelecer núcleos regionais. No ano seguinte,



era criado o núcleo sul rio-grandense de química. Algumas reuniões foram realizadas no segundo semestre de 1923, mas o projeto não foi adiante. Bernardo Geisel estava entre os participantes desse núcleo.

Após a realização do III Congresso Sul-Americano de Química no Rio de Janeiro em julho de 1937, mais uma vez os químicos gaúchos tentaram fundar uma associação que os congregasse. Assim, em 5 de outubro de 1937, Bernardo Geisel foi um dos sócios-fundadores da Associação dos Químicos do Rio Grande do Sul, sendo empossado como seu primeiro presidente (e depois reconduzido em 1938 e 1939). A primeira reunião oficial foi realizada em sua casa a 19 de outubro daquele ano. Sua atuação enérgica em defesa da Associação e da classe dos químicos foram essenciais para granjear respeito e reconhecimento de seus pares.

Após a fundação da Associação Química do Brasil (AQB) em 1939, dois anos depois era criada em Porto Alegre a seção regional Rio Grande do Sul da AQB. Os membros da Associação dos Químicos desse estado decidiram, ainda em 1941, encerrar as atividades dessa



Foto recente do prédio histórico do Instituto de Química, vinculado à Escola de Engenharia de Porto Alegre (hoje incorporado à UFRGS), palco de um dos oito cursos de química industrial estabelecidos em 1920

Associação, transferindo-as para a regional recém-criada.

Bernardo foi o seu primeiro Diretor.

A década de 1940 foi marcante na trajetória de Bernardo Geisel na química nacional. Atuou firmemente no funcionamento da AQB, vindo a ser seu Presidente interino por duas ocasiões; foi ainda membro do Conselho, do Corpo Editorial dos periódicos Anais da Associação Química do Brasil e Boletim da Associação Química do Brasil. Lutou pela criação de regionais em estados em que a AQB não tinha representação. Raras eram as reuniões da AQB em que Bernardo não comparecia. Ocupou pela segunda vez (1946-1947) o cargo de Diretor da regional de seu estado. Durante essa gestão foi realizado o 5º Congresso da AQB (mais tarde, renumerado como o 7º CBQ), em março de 1947, em Porto Alegre, sendo o presidente do evento.

Em 1948, foi homenageado por ocasião do 25º aniversário de exercício do magistério superior, e também pelos relevantes serviços prestados à AQB e à classe dos químicos. Nessa ocasião, Bernardo era tido como personalidade muito influente na AQB e um símbolo forte da luta dos químicos brasileiros pela regulamentação de sua profissão após a primeira tentativa frustrada em 1934.

Uma vez consolidada a união da AQB com a Sociedade Brasileira de Química, em 1951, resultando na Associação Brasileira de Química (ABQ) que hoje conhecemos, Bernardo Geisel não arrefeceu seu trabalho junto à nova Associação. Foi seu Presidente no período 1954-1956. De 1950 a 1953 foi Diretor da Faculdade de Filosofia da então Universidade do Rio de Grande do Sul (atual UFRGS), que incluía o curso de química. Em paralelo à essa intensa atividade, Bernardo Geisel tinha preocupações quanto ao estudo de problemas

tecnológicos do Rio Grande do Sul, particularmente quanto ao aproveitamento do carvão. Dessas preocupações viriam a surgir os primeiros congressos de química tecnológica no país, realizados em Porto Alegre em 1952 e 1955. Ocupou papel de destaque na criação de instituições ligadas à tecnologia carbonífera em seu estado. Era comum que Bernardo levasse para casa material da regional, demonstrando sua dedicação às atividades que abraçava.

Bernardo é o Patrono do Diretório Acadêmico do Curso de Química da UFRGS. Recebeu ainda o título de Professor Emérito da UFRGS. Foi ainda membro da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), participando da delegação brasileira à assembleia da ONU para discussão dos estatutos e instalação da atual Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA).

Fora do âmbito acadêmico, fundou em 1961 a Aços Finos Piratini, tendo ocupado sua Presidência de 1961 a 1964 e de 1971 a 1978, e integrando seu Conselho de Administração. Era considerada a sua “menina dos olhos” e defendia sua viabilidade como empreendimento paraestatal, pois desejava com isso criar um polo de desenvolvimento regional. Foi diretor do Instituto Brasileiro de Siderurgia. Foi secretário de Estado dos Negócios de Energia e Comunicações do Rio Grande do Sul durante o governo de Ildo Meneghetti, de 1964 a 1967. Incentivou a área científica e tecnológica com o membro do Conselho Superior da FUNDATEC (Fundação Universidade-Empresa de Tecnologia e Ciências), e como representante gaúcho no CNPq.

Bernardo Geisel faleceu em 23 de agosto de 1985, logo após completar 84 anos, em Porto Alegre. Casou-se com Catharina Notgy Geisel (1906-1998). Desta união nasceram Bernardo Geisel Filho (1928-1978) e Fernando Geisel (1934-).

Referências

→ *Associação Brasileira de Química – Seção Regional do Rio Grande do Sul – 50 anos de História*. Associação Brasileira de Química: Porto Alegre, 1987, p. 5-7.

→ *Anuário de Sócios da Associação Brasileira de Química*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Química, 1957, p. 67.

→ <http://aepan.blogspot.com/2015/07/bernardo-geisel-o-irmao-do-presidente.html>, acessado em 24 de abril de 2019.

PIONEIROS DA QUÍMICA

José Carneiro Felipe

Nascido em São João del-Rei, Minas Gerais, em 6 de outubro de 1886, era o mais velho dos cinco filhos do casal José Moreira Carneiro Felipe, português, e Virgínia Augusta da Trindade Felipe, de tradicional família local.

Fez seus estudos secundários (2º grau) no Ginásio Mineiro de Barbacena, sempre se distinguindo como ótimo aluno. Mais tarde, matriculou-se em 1908 no curso de engenharia de minas, metalurgia e civil pela Escola de Minas de Ouro Preto, diplomando-se em 1914 com um desempenho acadêmico jamais visto antes naquela instituição. “Juca”, como era conhecido por seus amigos e pessoas próximas, foi agraciado com uma viagem à Europa como prêmio, mas não a usufruiu por conta de problemas de saúde com seu pai, que viria a falecer pouco tempo depois.

Dotado de uma vasta cultura geral, despertou seu gosto pela química ainda em sua adolescência, e eram notórios seus conhecimentos matemáticos e de físico-química. Sua fama de grande estudioso fez com que seu retrato figurasse na galeria de honra da Escola de Minas de Ouro Preto. Foi empossado como seu diretor em 1916. Em 1919, Carlos Chagas, em visita ao Laboratório Químico e Biológico do Estado de Minas Gerais, convidou José Carneiro Felipe, que fora nomeado pelo governo estadual Diretor no ano anterior, a trabalhar no Instituto Oswaldo Cruz. Lá, criou a seção de físico-química e chefiou o Departamento de Química daquele Instituto de 1921 a 1938.

Em 1922, participou ativamente do 1º Congresso Brasileiro de Química, e veio a ser um dos fundadores da primeira sociedade científica de química, a Sociedade Brasileira de Química, a *alma mater* da ABQ de hoje. Foi seu presidente no biênio 1932-1933. Em 1930, representou esta Sociedade e o governo brasileiro no II Congresso Sul-Americano de Química, ocorrido em

Montevidéu, capital do Uruguai, apresentado diversos trabalhos. Em 1937, participou do II Congresso Brasileiro de Química e presidiu o III Congresso Sul-Americano de Química, ambos organizados pela Sociedade Brasileira de Química.

Sua invulgar capacidade de trabalho e cultura humanística fez com que José Carneiro Felipe fosse por diversas vezes convocado pelo governo para atuar em áreas distintas da química. Ele acreditava que um país grande como o Brasil, então ainda jovem e sem experiência científica, devia voltar-se inteiramente para programas básicos. Assim, inclinou-se a colaborar mais diretamente como planejamento do governo nas áreas da educação e saúde. Foi assim que, em 1931, elaborou o projeto de reforma do ensino superior do país. Foi membro interino do Conselho Nacional de Educação (1933-1934). Em 1940, presidiu a Comissão Censitária Nacional para o V recenseamento, realizado em 1944.

José Carneiro Felipe foi um dos fundadores da Escola Nacional de Química (atual Escola de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro), a partir do desmembramento do Curso de Química Industrial anexo à Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, em 1933. Foi seu diretor no período 1936-1938. Ministrava disciplinas da área de físico-química. Antes, já atuara como professor de físico-química na Escola Politécnica (atual Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro) entre 1924 e 1929.

Face à sua honradez ilibada, sua brilhante inteligência, bondade, amor à ciência e dedicação ao trabalho, José Carneiro Felipe mereceu o reconhecimento de seus pares, inclusive do exterior. Não é por acaso que foi membro de numerosas sociedades científicas: Academia Brasileira de Ciências (para o qual foi eleito em setembro de 1925), Clube de Engenharia do

Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Educação, Sociedade Brasileira de Biologia, Sociedade Brasileira de Estatística, Instituto Brasileiro de Cultura, Associação Química do Brasil e, claro, Sociedade Brasileira de Química; dentre as sociedades estrangeiras, tem-se: International Association Statistics Institute (IASI), Institute of Mathematical Statistics de Pittsburg (ambas nos Estados Unidos), Academia Colombiana de Ciências Exatas Físicas e Naturais, Associação Química do Peru e Associação Química Argentina. Foi ainda membro do Conselho Consultivo do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, de onde foi cofundador. Teve a ventura de receber Albert Einstein (1925) e Marie e Irène Curie (1926) em suas visitas ao Brasil. Participou de inúmeras bancas examinadoras de concursos públicos, onde demonstrou sua habitual imparcialidade.

Foi um dos pioneiros dos estudos na área de energia atômica no Brasil. São famosas as suas pesquisas sobre radioatividade empreendidas entre 1918 e 1924 em amostras de pirocloro e águas minerais de Araxá. Foi ainda um dos primeiros a apoiar Álvaro Alberto da Mota e Silva (1889-1976) no projeto de criação do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq, atual Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) o qual se dedicou intensamente a partir de 1948. Foi indicado para ser seu primeiro Presidente. Por ironia do destino, o decreto de criação do CNPq (Lei 1.310), assinado pelo então Presidente Eurico Gaspar Dutra, foi publicado exatamente no dia de sua morte.

Muitos de seus trabalhos científicos foram divulgados em anais de congressos e periódicos, mas uma parte considerável não chegou a ser publicada.

José Carneiro Felipe apresentava aspectos paradoxais: seu físico franzino, de aparência quase doentia, contrastava com sua grande atividade e imensa capacidade de trabalho; sua natural modéstia e simplicidade franciscanas surpreendiam aqueles que se aproximavam para consultá-lo pela presteza, erudição e clareza com que, solícitamente, resolvia os mais difíceis e variados problemas, demonstrando assim toda a sua sapiência. Essas características já haviam sido percebidas em sua adolescência. Fumar e beber café eram hábitos

inseparáveis desse ilustre pioneiro.

Casou-se em 20 de junho de 1916 com Jenny Isaacson (c.1890-1963), de tradicional família de sua cidade natal, com quem teve onze filhos. Cientista completo, era tido como um pai incansável, esposo amigo e compreensivo.

Faleceu a 15 de janeiro de 1951, aos 64 anos. Nas palavras do então presidente da Sociedade Brasileira de Química, Orlando Rangel, “sofreu a ciência brasileira irreparável perda”. No dia do sepultamento, em 16 de janeiro, diante do túmulo e perante milhares de pessoas, Orlando Rangel proferiu o seguinte discurso:

“Em nome da Sociedade Brasileira de Química, e na qualidade de seu atual presidente, e também como amigo e sincero admirador do inolvidável mestre, venho proferir algumas palavras de saudade e dizer o derradeiro adeus ao eminente vulto da ciência brasileira que jaz nesse ataúde. O destino implacável fez desaparecer uma das figuras mais representativas da físico-química nacional – o ilustre Professor José Carneiro Felipe, que honrava os quadros da Sociedade Brasileira de Química, tendo sido sócio-fundador, ex-presidente e membro vitalício de seu Conselho Diretor.

Profundamente contristada e dolorosamente ferida, a Sociedade Brasileira de Química associa-se às homenagens prestadas ao eminente vulto patricio, manifestando seu profundo pesar pela irreparável perda que os meios culturais do Brasil acabam de sofrer. Não é o momento, nem o local oportuno para passar em revista a notável obra do Professor Carneiro Felipe, cuja vida foi exemplo de trabalho, honradez, amor, bondade, dedicação e sacrifício.

Tudo isso ele deu à família, à profissão, à ciência, aos colaboradores e aos amigos, sempre com o desprendimento dos grandes espíritos, que nasceram e viveram puros, predestinados ao serviço da humanidade.

Seu valor e prestígio ultrapassaram as fronteiras nacionais e projetaram-se em outros países, onde o ilustre morto gozava do maior prestígio, pelo seu valor de cientista, pela sua brilhante inteligência e sua invulgar cultura. Antes de passar à vida subjetiva, teve a satisfação de saber que havia sido sancionada a lei criando o “Conselho Nacional de Pesquisas”, para o qual ele tanto trabalhara, com a colaboração eficiente que sempre emprestava aos assuntos de interesse nacional. Soube, também, que o seu nome havia sido indicado ao Presidente da República para dirigir o importante órgão científico, que por uma ironia da sorte, se transformou em lei no dia de seu falecimento.

Podeis partir e descansar em paz, Professor Carneiro Felipe. Os vossos trabalhos e a vossa memória permanecerão conosco, lembrando a vossa obra científica, o vosso esforço para o bem do Brasil, e o vosso admirável exemplo de honradez, dedicação à ciência e devotamento ao trabalho fecundo e criado.”

Seu enterro foi a consagração da sua vida de trabalho, de pesquisas, de amor ao seu semelhante. Desde os mais humildes servidores de Manguinhos, do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), do Ministério da Educação, aos funcionários dos altos cargos desses órgãos, políticos, jornalistas, professores, cientistas, amigos, familiares, alunos e membros das mais diversas sociedades científicas nacionais das quais José Carneiro Felipe era membro, todos compareceram à despedida fúnebre. Os jornais da Capital Federal, Belo Horizonte, São João del-Rei e do Estado do Rio de Janeiro contaram a vida do grande brasileiro.

A prefeitura do Distrito Federal (Rio de Janeiro) presta-lhe uma homenagem, dando seu nome a uma rua e a uma escola municipal dessa cidade. O Instituto de Química da UFRJ colocou o seu retrato e uma placa no seu departamento de Físico-Química. A Escola de Química da



FOTO: SBQ1951

UFRJ também o destaca na galeria de ex-diretores (foto acima). O Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas instalou uma biblioteca com o seu nome e, na CNEN (Comissão Nacional de Energia Nuclear), o auditório que recebe cientistas nacionais e estrangeiros, recebe o nome do ilustre pioneiro. O governo brasileiro, homenageando o cientista, instituiu, pelo Decreto nº. 70.280, de 14 de março de 1972, a Medalha Carneiro Felipe, destinada a premiar brasileiros ilustres que pelo seu trabalho contribuíram para o desenvolvimento das aplicações pacíficas da energia nuclear no País. Possui um verbete no wikipedia.

Referências

- O. A. C., *Prof. José Carneiro Felipe – Necrológico*. Revista da Sociedade Brasileira de Química, Rio de Janeiro, vol. XX, nº 3-4, 1951, p. 88-94.
- Serra-Costa, J. J. *Carneiro Felipe – Estudo Biográfico*. Revista da Escola de Minas, Ouro Preto, vol. 65, nº 3, suplemento especial nº 2, 2012, p. 1-14.
- Sacramento, J. A. A. *Tributo à Memória de José Carneiro Felipe*. www.patriamineira.com.br, acessado em 25 de abril de 2019.

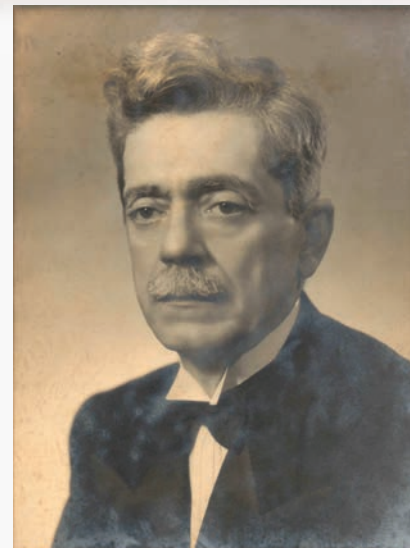
PIONEIROS DA QUÍMICA

Mario Saraiva

Mário Saraiva nasceu em Salvador em 17 de janeiro de 1885. Diplomado em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, após estagiar como profissional em uma companhia de navegação nacional em viagens para o norte e o sul do continente americano e à Europa, chegou ao Rio de Janeiro em 1908. Na então capital federal, inscreveu-se para uma vaga de químico no Laboratório Municipal de Análises, classificando-se em primeiro lugar, ainda em 1908. Antes, ainda na Bahia, já atuara como auxiliar na cadeira (disciplina) de Química, coordenada pelo Prof. José Olympio, na Faculdade de Medicina da Bahia. No Laboratório Municipal de Análises, se distinguiu particularmente pela atuação no projeto e montagem do novo laboratório, na rua Camerino, centro do Rio de Janeiro. Nessa época, Mário Saraiva estava particularmente preocupado com falsificações de produtos alimentares (como cervejas, vinhos, farinhas e, especialmente, manteiga). Por ocasião do IV Congresso Médico Latino-Americano, realizado no Rio de Janeiro em agosto de 1909, em sua 7ª Seção (física, química, história natural e farmacologia), Mario Saraiva foi um dos pesquisadores pioneiros a apresentar um trabalho de química realizado no país em um evento igualmente pioneiro no Brasil no que diz respeito à admissão da química como área temática de um congresso: “Vinhos do Rio Grande do Sul – características da composição química”.

Em 1910, recebeu convite do governo federal para dirigir o Laboratório de Química da Estação Agrícola de Pinheiro (próximo a Volta Redonda, Estado do Rio de Janeiro), e lecionar química na escola agrícola anexa. Em Pinheiro, permaneceu por oito anos, familiarizando-se com questões relacionadas à geologia do solo, pragas, clima, genéticas de plantas e alimentação vegetal e animal. Sua capacidade de organização dos laboratórios

de ensino e pesquisa e, sobretudo, sua vocação para o magistério, foram de tal forma marcantes que muitos de seus alunos que seguiriam a carreira agrônoma acabaram se



Mario Saraiva

dedicando à química. Seus estudos acerca da composição química de óleos brasileiros são considerados pioneiros do gênero no Brasil. Mário Saraiva tinha consciência de que era preciso estabelecer um curso de químico em nível superior no Brasil.

Em janeiro de 1918, o governo federal lhe confiou a missão de instalar o Instituto de Química, vinculado ao Ministério da Agricultura, no Rio de Janeiro, do qual foi seu primeiro diretor até 1937. Esse estabelecimento ofereceu o primeiro curso de química, com enfoque científico para a formação de técnicos, mas teve duração efêmera: foi extinto em 1921. O próprio Instituto viria a ser extinto em 1962. Ele viria a fomentar a implantação e estruturação de grupos de pesquisa em produtos naturais pelo país.

Por ocasião do Primeiro Congresso Brasileiro de Química, Mario Saraiva não apresentou trabalho, mas participou ativamente de comissões temáticas e teve a ventura de, ao final do Congresso, ser um dos fundadores da primeira sociedade de química em nosso país: A Sociedade Brasileira de Química, *alma mater* da ABQ de hoje.

Era o dia 10 de novembro de 1922. Além de ter sido sócio ativo dessa Sociedade até sua morte, Mario Saraiva foi o primeiro redator-chefe do primeiro periódico de química brasileiro: A Revista Brasileira de Chimica (primeiro número em agosto de 1929), mais tarde rebatizado como Revista da Sociedade Brasileira de Química. Foi ainda membro da Academia Brasileira de Ciências.

Nas décadas de 1920 e 1930, Mário Saraiva participou de inúmeras comissões e grupos de trabalho relativos à química industrial, química agrícola, química de guerra e química alimentar. Com a saída do cargo de Diretor do Instituto de Química em 1937, elevou sua carga horária como professor de Química Orgânica na Escola Nacional de Química da Universidade do Brasil (atual Escola de Química da UFRJ), para o qual fora aprovado em concurso em 1934, mas também atuou nos Laboratórios Raul Leite (1938-1940) e na Escola Técnica do Exército (1943-1946). Na Escola Nacional de Química, lecionou até quase sua morte. Foi homenageado em diversas turmas de formatura. Com base na sua experiência prática e docente, em 1947, lançou, pelo Instituto Nacional do Livro, a obra “Química Orgânica Alifática”, em dois volumes. Pelo Instituto de Química publicou quatro obras, focando a manteiga de murumuru, o cultivo de laranjeiras e a química de solos.

Mário Saraiva participou ativamente do 2º



Química Orgânica Alifática, publicado pelo Instituto Nacional do Livro em 1947

Congresso Brasileiro de Química e no III Congresso Sul-Americano de Química, ambos realizados em 1937, como membro das comissões executivas. Colaborou, em 1949, no projeto de criação do Conselho Nacional

de Pesquisas, atual CNPq.

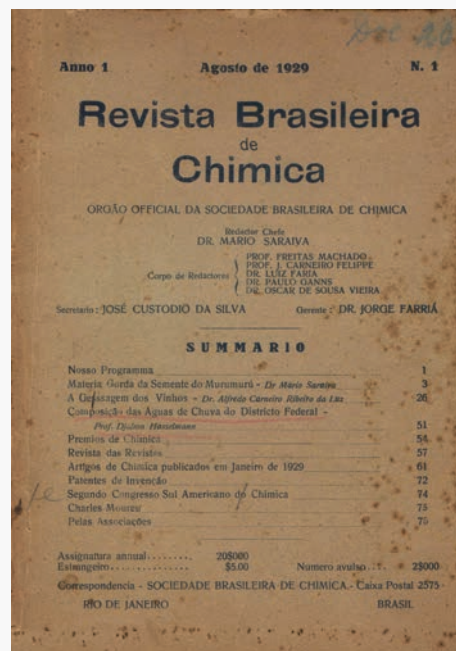
Seus últimos momentos de vida foram marcados pela saúde precária, vindo a falecer no Rio de Janeiro em 14 de maio de 1950, aos 65 anos. "Com sua morte, a química brasileira perde um de seus vultos mais eminentes", estampou o Jornal "O Globo" em seu obituário.

Ao seu sepultamento compareceram centenas de pessoas, incluindo seus amigos e companheiros da Escola Nacional de Química, da Academia Brasileira de Ciências, da Associação Química do Brasil e da Sociedade Brasileira de Química.

Sua atuação profissional vigorosa por mais de 40 anos era reconhecida por todos, mas Saraiva tinha um outro lado igualmente lembrado com carinho por seus amigos. Segundo José de Freitas Machado, "foi um ser de grande inteligência e cultura, e seu perfil profissional está longe de representar a fisionomia espiritual e humana de sua personalidade extremamente ativa".

Referências

- Machado, J. F. *Professor Mario Saraiva – Necrológico*. Revista da Sociedade Brasileira de Química, vol. XX, nº 1-2, p. 188-193, 1951.
- *Dr. Mário Saraiva – Obituário*. Jornal O Globo, edição de 15 de maio de 1950, p. 22.
- *Regulamento do Instituto de Química Agrícola do Ministério da Agricultura*. Decreto 12.914, 13 de março de 1918.
- Rheinboldt, H. *As Ciências no Brasil*, v.2 (Azevedo F., org.). Ed. UFRJ: Rio de Janeiro, 1994, p. 98.



Capa do nº 1/vol. 1 do 1º periódico de química no Brasil, na qual consta a posição de Redator-Chefe conferida ao Dr. Mario Saraiva

PIONEIROS DA QUÍMICA

Walter Baptist Mors

Walter Baptist Mors nasceu em São Paulo em 23 de novembro de 1920. Graduiu-se em Química em 1942 pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. No ano seguinte, ingressou no Instituto Agrônomo do Norte, do Ministério da Agricultura, em Belém do Pará, onde adquiriu o gosto pela botânica econômica, que cultivou durante toda a vida. Em 1947 transferiu-se para o Instituto de Química Agrícola (IQA), no Rio de Janeiro, fundado por Mario Saraiva (1885-1950). Na Seção de Química Vegetal, desenvolveu pesquisas com plantas tóxicas para o gado. Foi ali onde consolidou sua afeição pela química dos produtos naturais. Publicou cerca de 20 trabalhos. Em paralelo, na mesma cidade, atuou como químico na empresa de produtos Evans (1948-1956).

Trabalhou na década de 1950 como bolsista da Fundação Rockefeller, na Wayne State University, em Detroit, com Carl Djerassi (1923-2015), que seria, mais tarde, importante contribuidor e impulsionador da química de produtos naturais nos seus primórdios no Brasil. Carl conheceu Mors quando visitou o IQA em 1954. Esse período marcaria muito a vida de Walter Mors.

A vida profissional de Walter Mors se divide em dois períodos distintos: o do serviço público e o da universidade. Em 1960 obteve o título de Doutor e tornou-se Livre-Docente pela então Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro). Face à extinção do IQA em 1962, Walter Mors, junto com outros pesquisadores de renome, a convite do Prof. Paulo da Silva Lacaz, fundaram em 1963 o Centro de Pesquisas de Produtos Naturais (CPPN), situado na Faculdade de Farmácia da então Universidade do Brasil, no campus da Praia Vermelha.

As primeiras pesquisas nesse novo órgão de pesquisa foram financiadas por convênio com a

Universidade de Stanford (EUA) para onde Carl Djerassi se transferira em 1959 e viria a ser agraciado com o título de Professor Emérito. No período 1966-1973 Mors também dirigiu o então criado Centro de Tecnologia Agrícola e Alimentar, agindo com vistas a um embasamento científico para a solução de problemas práticos ligados às atribuições do novo órgão.

Em 1969, o CPPN é reconhecido como centro de excelência pelo CNPq, o que permitiu nesse mesmo ano a criação do primeiro curso de pós-graduação (mestrado) em química de produtos naturais. O doutorado se iniciaria em 1990. Em 1975, o CPPN foi transferido para o campus da Ilha do Fundão, onde, em 1976, oficializado pelo Conselho Universitário da UFRJ, passou a ser um órgão suplementar subordinado ao Centro de Ciências da Saúde, passando então a se chamar Núcleo de Pesquisas de Produtos Naturais (NPPN). A expansão de seu espaço físico decorrente da mudança permitiu a diversificação de suas linhas de pesquisa.

Walter Mors, sempre dedicado ao NPPN, ali deixou sua marca e um grande legado à química dos produtos naturais, tendo implantado linhas de pesquisa que foram inspiradoras de várias outras.

Foi Diretor por dois mandatos. Em colaboração com muitos colegas e alunos foi produzida uma longa série de trabalhos científicos e técnicos; destacam-se a identificação do epoxigeranilgeraniol como a substância ativa do óleo dos frutos da sucupira-branca, que impede a penetração das cercárias do *Schistosoma* na pele do hospedeiro definitivo (estudo esse publicado na revista *Science*, em 1967); do princípio hipoglicemiante da planta antidiabética pedra-ume-caá; e numerosas pesquisas sobre flavonóides, alguns deles inéditos, sendo alguns apontados como indicadores evolutivos no gênero onde ocorrem.

Walter Mors foi pioneiro ao perceber, nos anos 1950, a importância de uma visão multidisciplinar da pesquisa com plantas, permeando aspectos da Botânica, Química e Farmacologia, unindo químicos, farmacêuticos, botânicos e farmacólogos. Com Carlos Toledo Rizzini escreveu o livro "Botânica Econômica Brasileira" (com edições em português, inglês e alemão); juntamente com Carlos Toledo Rizzini e Nuno Álvares Pereira, é coautor do livro "Medicinal Plants of Brazil", considerada sua obra-prima. Integrou inúmeros Conselhos e Grupos de Trabalho em sua área de atuação, no país e no exterior.

Walter Mors foi membro da Academia Brasileira de Ciências (admitido em 26 de dezembro de 1957), sendo Secretário-Geral por três períodos.

Foi sócio da Associação Química do Brasil (AQB), e, com a fusão desta com a Sociedade Brasileira de Química, manteve-se sócio da Associação Brasileira de Química (ABQ), da qual viria ser Presidente no biênio 1966-1967. Além disso, foi por diversas vezes membro de seu Conselho Diretor e Editor dos Anais da Associação Brasileira de Química.

Participou de vários dos Congressos Brasileiros de Química das décadas de 1950 a 1970, do XVI Congresso Latino-Americano de Química (1984), realizado no Rio de Janeiro e organizado pela ABQ, e

ainda presidiu a Federación Latino-Americana de Asociaciones Químicas (FLAQ).

Seu mérito científico foi reconhecido através da condecoração com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico, em setembro de 1994, e da medalha Simão Mathias, outorgada, em 2001, pela Sociedade Brasileira de Química.

Aposentou-se em 1991, mas manteve estrita colaboração com o NPPN até o ano de 2000. Faleceu no Rio de Janeiro a 6 de outubro de 2008, aos 87 anos. A UFRJ o homenageia com seu nome uma das praças do Centro de Ciências da Saúde. Possui um verbete no wikipedia.

A partir de 2013, o nome oficial do NPPN passou a ser Instituto de Pesquisas de Produtos Naturais Walter Mors (www.ippn.ufrj.br).

Referências

→ Leitão, G. G. *Biografia: Prof. Dr. Walter Baptist Mors (1920-2008)*. Revista Virtual de Química, vol. 3, nº 1, 2011, p. 57-58.

→ www.abc.org.br/membro/walter-baptist-mors, acessado em 21 de abril de 2019.

→ www.ippn.ufrj.br/historico, acessado em 20 de abril de 2019.

→ *Anuário de Sócios da Associação Brasileira de Química*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Química, 1957, p. 117-118.

VI Congresso da Associação Química do Brasil (AQB), mais tarde rebatizado como 8º Congresso Brasileiro de Química (8º CBQ), em Recife, janeiro de 1949.

Na foto, vê-se Otto Richard Gottlieb (1920-2011) com a mão esquerda no queixo. Atrás dele, diagonalmente, vê-se Walter Mors, de branco



FOTO: ABQ